

A VIDA NÃO É ÚTIL, DE AILTON KRENAK

Marcus Vinícius Martins da Silva*

Referência: KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

"Quando aparecer um deserto, o atravesse". É com essa frase que Ailton Krenak, um dos maiores pensadores indígenas do nosso tempo, finaliza seu mais recente livro, *A vida não é útil*, publicado em 2020, pela Companhia das Letras. Ailton Krenak pertence ao povo Krenak, que hoje se concentra na região do Vale do Rio Doce, no estado de Minas Gerais. Nascido em 1953, dedicou grande parte de sua vida às mobilizações e à luta dos povos indígenas. Recebeu em 2016 o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

Suas atuais publicações são resultados de escritos, pensamentos, debates e palestras proferidas em várias partes do mundo, para as quais Krenak é constantemente convidado. A mais recente palestra – tema desta resenha – aconteceu durante o ano de 2020, como um flecha de possibilidades para refletir e compreender a atual pandemia que atravessamos, acompanhada da crise humanitária que, segundo Krenak, estamos vivendo há anos.

No primeiro capítulo da obra, intitulado “Não se come dinheiro”, o autor nos apresenta uma contundente reflexão a respeito do sentido de economia que os povos não indígenas atribuem às suas sociedades, dialogando em contrapartida com a noção de economia que atravessa a cosmovisão dos povos indígenas. Diante desse fato, a reflexão é logo acenada para a ideia dos Direitos Humanos, ou humanos de direitos, recaindo a uma pertinente reflexão da noção de humano e, sobretudo, de crise humanitária.

Para Krenak, a modernidade que vivemos hoje e que a cada dia só acelera a inserção da ciência e da tecnologia no nosso cotidiano é, para os povos indígenas, uma grande ameaça, uma vez que para a cosmovisão indígena os humanos são parte da natureza, não há separabilidade, portanto, a incessante ação do homem de se distanciar da Terra acaba sendo uma grande preocupação, que recai como uma crise que, para Krenak não é de hoje, mas que acontece há muito tempo.

Nessa reflexão balizada pelo sentido de mundo que os povos indígenas carregam, a crise humanitária é enfrentada como esperança, como uma fresta de luz, um aceno de ajuda da mãe-terra para que mudanças e consciências sejam tomadas. Para Krenak, a crise é uma oportunidade de mudança, de transformação. E é por essa via de pensamento que a obra como um todo se sustenta. “A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial” (p.

* Bacharel em Humanidades pela UNILAB (2018). Graduando em Antropologia pela UFSC. E-mail: marcusmartinsbr@gmail.com

28).

Entendendo a crise humanitária que estamos atravessando, o autor nos acena para a ideia do significado da vida, para compreender sua utilidade. A respeito desse viés, afirma: "[...] Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem definição" (p. 29).

No segundo capítulo, intitulado "Sonhos para adiar o fim do mundo", Krenak nos conta a respeito de sua cultura indígena como quem conta histórias para crianças, na maneira mais singela e simples de se repassar conhecimento. Como o próprio título já nos acena, a reflexão central nesse capítulo assenta-se na ideia de sonho. Sonho que para os povos indígenas é entendido como potência, como demonstração de afetos, como sentido e como produção de cotidiano. E é justamente por essa produção de cotidiano que a ideia de adiar os fins dos mundos é compreendida por Krenak como um significado – perpetuado por seus ancestrais – para continuar a viver, a autorização da natureza para continuar existindo a existência.

Em "A máquina de fazer coisas", terceiro capítulo do livro, o autor continua sua reflexão acerca da nossa relação existencial com as coisas, com o fazer coisas, com a trágica mudança que foi a descoberta do homem a respeito da técnica. O fogo, o mar, o vento e tudo que entendemos como ação natural não era mais compreendido como poder sobrenatural da Terra. É, portanto, por essa lógica que o mundo é permeado hoje pela técnica que a modernidade entra em crise. Quando, por exemplo, surge uma pandemia como a que vivemos no atual contexto (Covid-19/Sars-CoV-2) e nos é passado o comando de "ficar em casa", tal fato difere da cultura dos povos indígenas, que entendem sua relação com a natureza como sendo algo transcendental, a auto-harmonização do corpo com a Terra é trabalhada para ser sempre mantida.

No tocante à reflexão do consumo em um mundo completamente capitalista, Krenak assevera que não estamos só consumindo coisas, hoje em dia consumimos vida também. E é por essa via de pensamento, em que o capitalismo toma poder político, que se torna central da relação dos humanos com o mundo, que se instaura a crise em que vivemos, que hoje acentua-se pelo contexto pandêmico da Covid-19.

Em "O amanhã não está à venda", Krenak traz um relato ainda mais curioso da sua relação com a Terra, já antes de entrarmos no contexto de pandemia, enfatizando que seu olhar em volta do mundo é entendido como tudo sendo natureza e que essa separabilidade que os humanos tentam fixar nas nossas mentes não existe para a cosmovisão indígena. Nesse sentido, o coronavírus responsável pela pandemia de Covid-19 é entendido como um puxão de orelha, um castigo, uma chamada de atenção da mãe-Terra para com a humanidade.

Nesse entremeio de outras possibilidades e perspectivas a respeito da humanidade e o que estamos atravessando enquanto crise no atual contexto, podemos reiterar que o pensamento de Krenak, assim como a cosmovisão dos povos indígenas, é um aceno para nossa própria compreensão do que é humanidade, o que é ser humano, o que é natureza e, portanto, recaem como inquietações pertinentes para tratarmos em meio a um contexto global de destruição e não preservação dos nossos recursos naturais. E ainda da não consideração com a vida, sobretudo com o futuro.

Resumo Crítico de Livro Acadêmico

Por fim, no capítulo que leva o mesmo título do livro, o autor conclui que a mudança está dentro de cada um de nós, nas coisas mais simples, nas atitudes pequenas, mas que realizadas em coletivo propagam numa dimensão imensurável. Para Krenak, a vida continuará não sendo útil enquanto mantivermos conosco a ignorância a respeito do próprio sentido da vida.